

Administração, desaceleração e transformação

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo:

O artigo aborda uma crítica ao dispositivo gerencialista da sociedade moderna e sua ânsia pela velocidade operacional incondicional, circunstância que embota nossa capacidade perceptiva da realidade e promove a degradação de nosso modo de vida. Para iniciarmos um processo de retomada da dignidade existencial perdida pela lógica do produtivismo capitalista urge imergirmos em uma práxis pautada pela desaceleração.

Palavras-chave: Desaceleração; Produtivismo; Exaustão; Cansaço.

Management, deceleration and transformation

Abstract:

The article addresses a critique of the managerialist device of modern society and its craving for unconditional operational speed, a circumstance that dulls our perceptive capacity of reality and promotes the degradation of our way of life. To begin a process of regaining the existential dignity lost by the logic of capitalist productivism, it is urgent to immerse ourselves in a praxis guided by deceleration.

Key words: Deceleration; Productivism; Exhaustion; Tiredness.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ.



Introdução

A Filosofia enquanto ramo do saber e enquanto disciplina acadêmica em um curso universitário se caracteriza por sua inevitável autonomia intelectual perante qualquer tipo de entrave ideológico ou institucional. Com efeito, não cabe ao filosofar referendar o status quo ou legitimar as contradições degradantes constituintes de uma área de atuação profissional e seu estofo epistêmico, mas criticar impiedosamente todas as limitações axiológicas com as quais nos deparamos na realidade concreta. O ensino de Filosofia para estudantes de outros cursos não visa formar bons cidadãos ou bons profissionais por um viés pragmático-instrumental, mas analisar as bases frágeis pelas quais uma carreira se sustenta. Tal é o caso da Filosofia que se propõe a debater a Administração e as searas organizacionais correlatas, colocando-se muito além de uma mera disciplina formativa engessada em um viés ético, conforme a mentalidade mediana acredita. Com efeito, apenas por uma formalidade institucional intitula-se

o discurso filosófico na Administração sob a palavra-valise da “ética”, minorando talvez as inquietações dos distintos membros do seu núcleo estruturante. Enquanto a Filosofia se fundamenta pela paciência do conceito e não se encontra na obrigação de se antecipar aos fatos para demonstrar sua legitimidade, a Administração usualmente se pauta pela rapidez decisória, o que nem sempre significa algo de valor real para o ser humano e para a sociedade. Um filosofar cáustico acerca da Administração e seus refugos visa não apenas reformar o modo de atuação profissional, mas sobretudo revolucioná-lo, conforme as possibilidades do momento histórico. Talvez o discurso filosófico na Administração queira até mesmo implodir o sistema organizacional sob o qual as corporações atuam, colocando-se para além de todo tipo de moralismo filisteu que embota a percepção acerca da realidade concreta e seus modos de produção. Muitas consciências virtuosas se revestem com uma retórica parcamente progressista para encantar seguidores

desorientados que necessitam de um guia espiritual, quando em verdade apenas aspiram por promoções profissionais e progressões institucionais, em um parasitismo disfarçado que ao fim e ao cabo promove a impossibilidade de mudança efetiva das estruturas organizacionais-corporativas. Todo passo do movimento real vale mais do que dúzias de palavras bonitas que lacram sem transformar efetivamente o mundo. A Filosofia focada no multiverso organizacional atua de maneira condoreira, tanto como legisladora das relações sociais, tanto como intérprete desses fenômenos.

A necessária dissolução da sociedade de desempenho

A Administração Moderna, enquanto ideologia concretizada pauta-se na capacidade de prever, comandar e coordenar.¹ É mister que esse engessamento vertical-hierárquico seja enfim abolido em favor de uma verdadeira experiência horizontal, includente e descentralizada. Mais ainda, A Administração Moderna visa suprimir toda contingência do seu sistema operacional e raio de ação instrumental. Ora, em uma Administração Subversiva, cabe trazer para a práxis organizacional o contingente, o incerto, o fracasso, o erro, o acaso. Trata-se indubitavelmente de um exercício difícil de imediato, mas toda coragem é necessária para transformar as bases rígidas da sociedade de desempenho e sua aversão pela contingência.

A Administração propõe o sucesso profissional do indivíduo, do grupo e da organização, orientação que se sustentada pelo viés da positividade e que visa assim aproveitar todos os recursos inerentes para realizar tal objetivo. Uma Administração reconfigurada sob os signos de um

humanismo multidimensional deve se pautar pela defesa da fraqueza, da imprecisão, do passional, do fracasso, do erro, da limitação pessoal, reconhecendo os limites subjetivos e corporativos, já que toda a existência se sustenta em bases contingentes e incertas. A rigidez da necessidade se fez valer na consolidação axiológica da Administração Moderna, mas somente ao cedermos espaço para o acaso, o acidente, a imprecisão, a falha e o erro poderemos transformar o dispositivo gerencial que perpassa a profissão em seu cru utilitarismo. É bastante comum que estudantes e bacharéis de Administração, quando ingressam triunfalmente em uma empresa, escrevam loas gratificantes para seus empregadores no LinkedIn e assim consigam alguns likes dos seus seguidores. O cotidiano organizacional é celebrado espetacularmente como se fosse o jardim das delícias. Se o jovem se sente feliz com essa experiência profissional, tanto melhor, mas acredito que um gesto ainda mais grandioso consiste em denunciar as violações trabalhistas e ambientais cometidas por essas empresas e, sobretudo, externalizar o próprio fracasso quando ele porventura ocorrer. Não se trata de um ato de confissão, mas apenas a demonstração de que a estrutura capitalista ultraliberal não permite o sucesso pleno de ninguém. Precisamos oferecer ao público não apenas nossas alegrias, mas nossas dores também, somente assim desenvolvemos uma linha de atuação multidimensional. A grandeza da alma está em narrar os seus vícios, erros e frustrações e não apenas as qualidades espetaculosas.

Há carreiras em que uma formação acadêmica deficitária gera um profissional desqualificado. Não é o caso da Administração. Abundam casos de

¹ “Administrar é prever, organizar, comandar, coordenar e controlar” (FAYOL, 2012, p. 26).

alunos de rendimento ruim que, todavia, se destacam positivamente nas empresas em que labutam. Cumpre ressaltar que a formação pedagógica da Administração não está de maneira alguma defasada e seus conteúdos disciplinares são imprescindíveis para fomentar o estofo crítico e técnico dos discentes. Contudo, para além das nossas sapientíssimas pretensões normativas, o *know-how* nas empresas parceiras é sempre imputado como de muito mais relevância pessoal do que todos os saberes acumulados nas cátedras universitárias, salvando-se usualmente uma ou outra disciplina conforme esse critério reducionista. Um engenheiro com poucos conhecimentos de Matemática e de Física pode ocasionar um desastre caso se aventure em alguma obra de envergadura. Um administrador indolente para com os saberes acadêmicos da área vive muito bem assim. Não importa em qual segmento, seja na Matemática Financeira, seja na Análise de Investimentos, seja na Estatística, seja nas competências logísticas, seja nas habilidades de Marketing, de estudos organizacionais ou de Recursos Humanos, o discente de Administração encontrará na empresa sonhada onde estagia (e quiçá futuramente será efetivado) o suprassumo do conhecimento pragmático-instrumental que tanto lhe proporciona significação pessoal. Esse tipo de situação gera sempre problemas desagradáveis entre os membros do corpo docente comprometido com a qualidade do ensino, pois um montante considerável de estudantes de Administração dedica todas as suas forças vitais nas atividades da empresa e muito pouco para assimilação crítica e consciente dos conteúdos ministrados pelos abnegados professores, inclusive recorrendo aos aditivos e toda forma de dopagem para que consigam manter-se ativos nos seus afazeres. São alunos que se caracterizam por uma nítida ansiedade produtivista e desejo de

aceitabilidade profissional o mais veloz possível, descurando-se dos compromissos pedagógicos fundamentais. Em caso de fracasso nas avaliações usuais, a culpa sempre recai sobre o professor que exerce com seriedade e probidade o seu trabalho acadêmico. São alunos que, por detrás de uma roupagem imagética apolínea, escamoteiam suas tensões vitais em fragmentos existenciais que facilmente são cooptados pelo reacionarismo político, pelo liberalismo oligofrênico e pelo individualismo desumanizador. Que o mundo pereça, desde que eu obtenha sucesso, assim pensa o acólito doutrinado pela ideologia gerencial que anseia em se formar o mais rapidamente possível para se livrar das amarras institucionais e assim florescer na empresa encantada. Pode-se afirmar que talvez seja mais salutar um aluno que trilhe uma trajetória acadêmica acidentada em Administração, com uma série de dificuldades pedagógicas, mas que amadurece nesse processo de desenvolvimento pessoal, do que o yuppie que se arroga o maioral no mundo empresarial e que se aproveita de subterfúgios institucionais e circunstâncias excepcionais para acelerar a sua formação acadêmica. Durante os períodos mais árduos da pandemia da COVID-19, muitos alunos se aproveitaram do afrouxamento das regras institucionais para resolverem antigas pendências em disciplinas imputadas como mais difíceis e assim empreenderam uma espécie de programa de aceleração curricular. O conhecimento substantivo é lento, progressivo, não pode depender de manobras ardilosas para ser convenientemente apreendido pelo sujeito. Porém, nem todas as pessoas anseiam pelo conhecimento, o diploma em si é muito mais valioso para quem segue a cartilha oportunista do imediatismo profissional, mesmo que esse

diploma não represente o conhecimento adquirido.

Os cursos de Administração alinhados com uma salutar agenda pedagógica progressista enfatizam o desenvolvimento de competências democratizantes, incluídas e sustentáveis na formação dos seus estudantes, o que é um comprometimento fundamental para o fomento de uma sociedade regida pelo bem-estar humano e ambiental no porvir. Todavia, grosso modo, o aluno participa em sua trajetória acadêmica de um projeto de curso alinhado com a urgente necessidade de modificar as relações produtivas de nossa conjuntura civilizacional, mas ao adentrar no ambiente corporativo na condição de estagiário deixa-se subjugar pela violência adestradora do espírito avassalador do capitalismo tecnocrático. Inculca-se nesse aluno mais do que as habilidades de raposa, os traços de personalidade psicopata. Vide que muitos estudantes sofrem conflitos morais decorrentes da percepção do ambiente opressor vivenciado nessas empresas, que posam publicamente como dotadas de responsabilidade social-ambiental, mas em verdade apenas espoliam e alienam os seus funcionários e degradam a Biosfera. Sob as vestes vetustas da dita ética empresarial corporações violam leis trabalhistas fundamentais, arrasam o meio ambiente, empreendem fraudes fiscais surpreendentes, dentre outros crimes contra a sociedade. Porém, o envernizamento ultraliberal da opinião pública graças ao poder influenciador da mídia corporativa natureza essas práticas contrárias aos interesses soberanos do almejado bem comum. Para Joel Bakan,

A retórica benevolente e as ações de responsabilidade social corporativa podem criar imagens corporativas atraentes, e provavelmente fazem algum bem ao mundo. Mas, no entanto, elas não mudam a natureza

institucional fundamental da corporação. Seu compromisso inabalável com seu próprio interesse (BAKAN, 2008, p. 60).

A agenda da responsabilidade social-empresarial (reconfigurada discursivamente como governança ambiental, social e corporativa – em sua sigla internacional ESG), assim como as pretensas evoluções do Marketing e outros quejandos análogos são relativamente importantes para a ocorrência de necessárias mudanças nas organizações, mas é imprescindível que sempre sejam avaliadas como estratégias reformistas de cunho instrumental para que conquistem a boa avaliação dos cidadãos-consumidores. No fundo, essas ações parcamente virtuosas são apenas lampejos de boa consciência de uma pequena burguesia que sofre de crise de identidade e não consegue se libertar da dominação mental que é imposta pela agenda liberal que penetra todas as grandes esferas da cultura massificada. Dessa maneira, tais manobras deontológicas são apenas mecanismos ardilosos para ampliação da rentabilidade sem que a estrutura econômica capitalista, ainda que minimamente submetida ao crivo das (mal)ditas boas práticas corporativas, permanece inalterada. Ou seja, todas as boas intenções alardeadas pelas mudanças transformadoras da responsabilidade social-empresarial e suas ramificações, ao fim e ao cabo, fortalecem as bases do capitalismo tardio infocrático e apenas mitigam de modo imediato os riscos do colapso ambiental. A ordem do mercado torna-se mais incluída apenas quando convém. Os mesmos empresários que se pavoneiam com ações filantrópicas são os mesmos que apregoam Estado Mínimo e que realizam demissões em massa para que mantenham sua taxa de rentabilidade. Em qualquer situação de exceção as corporações capitalistas inclinam-se para

o poder disruptivo-autoritário em nome de sua própria ampliação das taxas de rentabilidade. Nessas condições, somente mediante a superação radical do modo de produção capitalista podemos planejar de fato uma verdadeira estratégia de sustentabilidade global.

A alternativa que se coloca então é Administração Socialista ou barbárie, Administração Socialista ou dissolução de todas as formas de vida na Biosfera. A lógica do Capital é a produtora da catástrofe e somente o revolucionamento socialista da sociedade vigente poderá estabelecer um novo padrão de organização civilizacional. Uma Administração Socialista exige a coletivização dos meios de produção, solidariedade de classe, disciplina organizacional comprometida com o bem comum acima de tudo, instauração de reforma agrária e de reforma urbana, democratização dos meios de comunicação, combate radical ao racismo, ao machismo e qualquer estigmatização sexual, implementação integral de políticas públicas de saúde, condições de pleno emprego com redução da jornada de trabalho e substantivo aumento salarial, uso maciço da tecnologia para otimização do tempo produtivo e maior dedicação ao tempo de lazer social. Cabe ainda abordar um ponto bastante polêmico: o embate entre escassez e abundância. A produção global de gêneros fundamentais para a subsistência humana conseguiria satisfazer as necessidades vitais de todos se porventura houvesse um aproveitamento melhor e capacidade de distribuição mais equilibrada desses recursos, situação que obviamente não ocorre. Portanto, apesar de determinadas regiões da Terra sofrerem com intempéries ambientais, ciclos de seca e outros problemas estruturais, uma ação coordenada de assistência global impediria o pauperismo desses nichos

populacionais. A erradicação da pobreza jamais ocorrerá mediante agenciamentos políticos capitalistas. Os liberalóides acusam a existência de uma linha contínua entre miséria e socialismo, nada mais do que uma grande bobagem mitificada pela ignorância cretinizada acerca da própria realidade circundante. A Administração Socialista pressupõe a satisfação plena das necessidades humanas, inclusive com o usufruto da abundância, quando as circunstâncias materiais permitem. Todavia, através da instauração de uma gestão socialista, o fetichismo da mercadoria fenece, e assim as mistificações sociais baseadas na posse de bens e na capacidade de consumir se atenuam consideravelmente, promovendo então a diminuição da estupidez individualista de ter algo e vislumbrar qualquer ostentação social por isso. Pelo fato de que o projeto socialista compreende as relações humanas sob o prisma da solidariedade, a frugalidade se fortalece como uma disposição consciente e emancipadora em relação às coisas. Toda genuína demanda progressista de uma sociedade mais sustentável em suas múltiplas dimensões somente encontra materialidade na Administração Socialista, fato que desgosta todos os liberalóides, inclusive os mais simpáticos a determinados temas democratizantes-identitários. Decorre dessa dificuldade operacional a necessidade imperiosa de se forjar uma reeducação social para todos aqueles que desempenham funções em áreas gerenciais, inclusive professores.

O produtivismo capitalista requer mobilidade, capacidade de adaptação, velocidade na tomada de decisões, austeridade pessoal e disciplina laboral. Esse comportamento dromocrático é enaltecido como uma virtude organizacional, circunstância que evidencia o enraizamento das estruturas empresariais aos parâmetros normativos da religiosidade cristã, mediante a

negação do ócio, da preguiça, da procrastinação e do prazer. Em nome do sucesso financeiro da empresa tudo deve ser rápido e assim passar pelo crivo da aceleração total, no corpo, na alma, nos movimentos, nos pensamentos. Conforme argumenta David Le Breton, “Os tempos mortos desaparecem, e a vida cotidiana é inteiramente colonizada por uma urgência sem fim, que se estende para fora da empresa, não poupando mais nem a vida pessoal nem a vida familiar” (LE BRETON, 2018, p. 62). Daí a importância das tecnologias informacionais que dinamizam de maneira neurastênica o fluxo de mensagens e de palavras de comando, controlando com precisão a subjetividade do trabalhador. A comunicação digital adentra em toda nossa forma de vida e suprime nossa privacidade e direito ao silêncio. Toda demora em responder ao chamado é interpretada como falta de engajamento profissional e assim passível de punição:

O telefone celular é o instrumento que possibilita o encontro entre as exigências do semiocapital e a mobilização do trabalho vivo ciberespecializado. O toque do celular chama o trabalhador a reconectar o seu tempo abstrato ao fluxo reticular” (BERARDI, 2019, p. 137).

O bom trabalhador deve permanecer plenamente mobilizado em uma espécie de estado de guerra na vida organizacional, inclusive através da confusão doentia entre a esfera profissional a esfera privada, distinção não mais existente na realidade integracionista da tecnocracia capitalista. Quem não consegue se desconectar dos aplicativos de mensagens quando está em algum momento aprazível não é uma pessoa livre, *horribile dictu*. É fundamental que cada vez mais consigamos nos desvencilhar de todo controle informacional espaço-temporal.

Quando não se consegue estabelecer uma salutar desconexão da dinâmica de trabalho corre-se o risco de exaustão total. Talvez um dos piores pesadelos da sociedade administrada seja sonharmos com a realização de funções técnicas de nosso trabalho cotidiano, circunstância que mostra claramente que a dominação do regime laboral penetra despudoradamente em nossa vida privada. Nietzsche já enfatizava que

As pessoas já se envergonham do descanso; a reflexão demorada quase produz remorso. Pensam com o relógio na mão, enquanto almoçam, tendo os olhos voltados para os boletins da bolsa – vivem como alguém que a todo instante poderiam perder algo. Melhor fazer qualquer coisa do que nada – este princípio é também uma corda, boa para liquidar toda cultura e gosto superior (NIETZSCHE, 2012, p. 193)

O bom uso do tempo sempre foi uma prédica maravilhosa para a rentabilidade empresarial, e assim não se pode desperdiçar tal recurso precioso com lentidão vital. As ciências da natureza, da saúde e mesmo alguns segmentos degenerados da psicologia contribuem para essa dominação gerencial sobre a subjetividade do trabalhador. A grande meta consiste em enquadrar o funcionário em um dispositivo dromocrático, mas fazê-lo acreditar que tal sistema alienante é a única alternativa possível na conjuntura do capitalismo ultraliberal, onde ou você se adapta ou você é descartado por alguém mais rápido e, portanto, eficiente. O culto da performance é soberano e ninguém pode hesitar, toda limitação real ou autoimposta, toda fraqueza, toda impotência, são condenadas como falta de empenho laboral, pois sempre é possível ir pouco mais além, assim pensa o gestor dromocrático, recorrendo inclusive ao charlatanismo coach para violentar a

consciência do funcionário. A terapêutica antiga demandava tempo e um longo processo de desconstrução de si, o ardil do coaching consiste em fornecer respostas rápidas para pessoas desprovidas de rumo existencial. Outro ponto a se destacar reside na inserção de práticas espiritualistas-holísticas na vida gerencial como forma de se suportar melhor o desgaste psíquico do trabalho alienante e intrinsecamente exaustivo, o que denota um erro crasso em relação aos fundamentos sapienciais dessas experiências. Ora, o Yoga visa eliminar o apego individual ao caráter mundano das organizações materialistas e seus vícios degradantes, e não adequar o ser humano aos seus tentáculos. Contudo, o gerencialismo capitalista consegue dobrar todas as doutrinas aos seus objetivos instrumentais. Posso perfeitamente realizar uma meditação profunda ao acordar, posso energizar minha aura com os poderes cósmicos e logo em seguida demitir um montante de funcionários sem qualquer consideração humana por eles.

Os sinais de degradação vital da pessoa imersa nesse ritmo antinatural não tardam a se manifestar, mas tal sofrimento é recalcado como sintoma de fraqueza e de falta de competitividade. A perda de parâmetros de limites de possibilidades acerca das capacidades laborais saudáveis do sujeito de desempenho é uma das portas de entrada para o esgotamento profissional e os tóxicos efeitos devastadores da Síndrome de Burnout em seu organismo, compreendido sempre como uma integração metabólica psicofísica, gerando uma personalidade em luta consigo mesma. Segundo Byung-Chul Han, “O excesso de elevação do desempenho leva a um infarto da alma. O cansaço da sociedade de desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (HAN, 2015, p. 71). Como vivemos em uma sociedade narcísica e autocentrada, o

sofrimento de quem é afetado pela Síndrome de Burnout não é percebido de maneira global. Para Byung-Chul Han, “A sociedade de desempenho se desenvolve, a partir de sua lógica interna, na sociedade do doping. A vida reduzida à função vital desnuda é uma vida que deve ser mantida sadia a todo custo” (HAN, 2017, p. 268).

Diminuir o engajamento profissional sempre que possível é uma importante manobra terapêutica para restabelecer a saúde psicofísica daquele que se encontra em estado de extenuação. Analisando-se de maneira crítica a rotina prosaica, diversas atividades poderiam vir a ser postergadas ou mesmo negligenciadas pois são desprovidas de genuína relevância, diminuindo-se assim a carga laboral. É fundamental que se crie coragem para se fazer apenas o que é necessário na ordem do dia, nada além disso. Toda proatividade e comprometimento além do usual descambam em posterior esgotamento metabólico e, tanto pior, sem qualquer reconhecimento organizacional e de terceiros cretinizados com suas próprias estultícias morais: “Lanço-me euforicamente no trabalho, até que eu, por fim, desmorone. Eu me realizo até a morte, me otimizó até a morte. A dominação neoliberal se esconde por trás da liberdade ilusória” (HAN, 2022, p. 69). A experiência prática de quem sofreu esgotamento psicofísico compreende que uma legião de parasitas-oportunistas se aproveita do engajamento extraordinário do profissional que se empenha muito além do necessário e essa chusma não hesita em sugar sua vitalidade laboral para satisfazer os seus próprios interesses, e quando o infortúnio institucional se abate sobre o fragilizado sujeito de desempenho migram tais como aves de rapina para outras instâncias de modo a se continuar esse processo predatório. Em qualquer estrutura organizacional, sempre há uma minoria que faz muito e uma maioria que

faz pouco, e essa última sempre se aproveita das brechas institucionais para progredir profissionalmente.

Podemos postular o desenvolvimento de uma ética da desaceleração, que consiste na habilidade prática de conciliarmos nosso organismo ao ritmo natural da realidade, de modo que consigamos assim fruir os acontecimentos e as relações de maneira mais intensa e consciente. A desaceleração nos permite observar o mundo para além do imediatismo pragmático e contemplar as coisas sob uma perspectiva da eternidade. Se a aceleração contínua gera despersonalização, a desaceleração promove a retomada das rédeas da própria existência, é uma verdadeira experiência de autonomia pessoal. A desaceleração existencial não é a Eudaimonia, mas um dos recursos para se encontrar um nível satisfatório de bem-estar. A ideia de Felicidade Interna Bruta é totalmente conexa com a proposta de desaceleração do modo de vida, pois o que passa a valer de fato é a boa fruição das coisas, a capacidade de perceber melhor a intensidade do mundo que nos envolve. Desacelerar a conduta é uma abertura para a dimensão poética da vida e seus elementos fantásticos que são despercebidos pelo vulgo. Somente uma pessoa desacelerada consegue contemplar as estrelas ou ouvir o cântico dos pássaros sem sofrer uma crise de ansiedade por sua improdutividade do momento. A vida acelerada impede que percebamos a realidade em todas as suas nuances, impede que possamos descansar adequadamente no dia a dia, impede que nos alimentemos adequadamente, impede que fruamos a plenitude dos prazeres da vida, impede que possamos amar as pessoas queridas e estabelecer genuínas relações pautadas pela alteridade. A aceleração tão enaltecida pela sofreguidão da vida tecnocrática ao fim e ao cabo gera zumbis autocentrados. A ansiedade em

resolver tudo de modo depressa exaure nosso sistema nervoso e impede uma compreensão hierárquica das importâncias reais do momento. É necessário não apenas abolir o controle do relógio físico, mas também do relógio moral, muito mais invasivo e perigoso para a manutenção de nosso bem-estar pessoal. Lewis Mumford argumenta que

O tempo abstrato tornou-se o novo suporte da existência. As próprias funções orgânicas são reguladas por ele. Não comemos quando temos fome, mas quando o relógio manda; não dormimos quando estamos cansados, mas quando o relógio o determina (MUMFORD, 2018, p. 52).

Toda pessoa que evidencia comportamentos lentos e não se importa com críticas ou chacotas merecia ser enaltecida como um herói em uma necessária reconfiguração de nossa ordenação civilizatória. No âmbito organizacional o bom executivo é aquele que, dotado de rapidez gerencial, toma decisões rápidas confiando em sua expertise, e nisso encontramos aqui uma superação do paradigma prometeico de se pensar ponderosamente antes de agir. A aceleração gerencial própria do capitalismo ultraliberal e suas redes informacionais ubíquas estão muito mais afins ao afoito Epimeteu, que age antes de pensar. Já bem diz a sabedoria popular que a pressa é inimiga da perfeição.

Muitos problemas graves seriam resolvidos se a dromocracia perdesse impacto social, vide a questão do fluxo de trânsito (toda morosidade na condução de um veículo é um atentado contra o nervosismo urbano e sua pressa em circular). Andar pelas ruas de maneira despreocupada, caminhar sem forçar demais os passos, flunar pelos espaços de maneira dionisiaca são movimentos libertários que a sociedade de desempenho manifesta sua abjeta ojeriza.

Obviamente que muitas profissões exigem a capacidade de se agir com rapidez para salvar vidas em perigo, tais como médicos, enfermeiros, policiais ou bombeiros. Porém, se as pessoas que não necessitam se submeter ao regime dromocrático ousassem viver sob os signos da lentidão, até mesmo a qualidade de vida dos profissionais compromissados com a velocidade operacional seria mais salutar, pois os problemas concretos diminuiriam. Muitos acidentes ocorrem pela imperícia decorrente da aceleração irrefletida.

Uma pedagogia da desaceleração engloba qualquer instância formativa, desde a tenra infância até a educação superior. Grandes obras foram criadas sem qualquer pressão de tempo. Avaliações que muitas vezes não conseguem comprovar a efetiva assimilação de conteúdos são regidas pelo rigor do cronômetro, ampliando ainda mais o nível de ansiedade dos envolvidos. Se o conhecimento é uma aquisição para a vida toda, não faz sentido exigirmos tempo regado para a realização das avaliações. A grande ousadia pedagógica consiste em se respeitar o tempo de resposta de cada pessoa e assim dissolver a estrutura disciplinar que envolve o sistema de ensino usual. O tempo do mundo é muito mais valioso do que nosso tempo prosaico, ansioso e banal.

A festa se caracteriza pela ruptura metabólica com a ordenação laboral da vida, de modo a termos equilíbrio existencial com os ciclos da natureza. Por conseguinte, mesmo a festa “profana” em verdade é “sagrada”, pois religa a vida individual ao seio comunitário. No desenvolvimento da disciplina capitalista, os dias de festa cada vez mais foram suprimidos em prol de trabalho e mais trabalho, e os dias de folga são instrumentalizados para melhor aproveitar as energias vitais dos

trabalhadores extenuados pela aspereza da rotina profissional para que melhor possam produzir depois, despolitizando-se assim a intensidade social do dia em que não se trabalha profissionalmente. Para Byung-Chul Han, “Perdemos há muito tempo o tempo da festa. O fim do expediente como véspera do dia festivo não é inteiramente estranho. Trazemos o tempo do trabalho não apenas nas férias, mas também no sono” (HAN, 2021, p. 33).

Mesmo o evento da festa foi apropriado pela aceleração e inerente controle do tempo, tal como ocorre nos desfiles das escolas de samba. Se o Carnaval expressa em sua essência a supressão dos laços normativos da vida ordinária, é um avilte que se suprime a magia cerimonial da alegria dançante e do frenesi extático em nome do cumprimento rigoroso do tempo estabelecido. Qualquer minuto a mais pode ser fatal para as pretensões da agremiação. Esse tipo de situação comprova o quanto a cultura popular, que sempre se manifesta como erupção contra a sociedade administrada e sua rigidez moralista, é constantemente regrada e enquadrada pela lógica disciplinar e ortopédica de um establishment alheio ao espírito democrático. Isso também vale para esportes de alta performance que se pautam em quebrar recordes e que usualmente geram extenuação psicofísica dos seus atletas. Por outro lado, uma partida de futebol que se prolonga muito além do tempo previsto é sinal de que podemos encontrar emoções fortes maravilhosamente aleatórias que revitalizam a intensidade de cada instante da existência.

A desaceleração da forma de vida não é um ato revolucionário no contexto organizacional, pois não consiste na superação do modo de produção capitalista e suas constantes reconfigurações colonizadoras. No

entanto, é um mecanismo sapiencial para se subsistir decentemente na vigência do economicismo ultraliberal e seu inerente regime de precarização profissional que atomiza cada trabalhador e lhe inocula um palavreado motivacional que mascara as relações de produção. O trabalhador não é colaborador, é um funcionário assalariado. O trabalhador não é um empreendedor de si, é alguém que vende sua força laboral sem talvez sequer conseguir organizar sua vida material de modo conveniente aos seus legítimos anseios pessoais. Por conseguinte, quando dóceis apólogos das necessidades de mudanças estruturais nas relações organizacionais são picados pelo veneno corrosivo do ultraliberalismo com tempero progressista, o estrago psicossocial se torna ainda mais intenso, pois se naturaliza uma série de atentados contra a qualidade de vida do trabalhador em nome de um projeto falsamente transformador da existência humana no regime de trabalho que impõe flexibilidade e aceitação tácita de sacrifícios vitais em nome do sucesso profissional.

Considerações finais

Uma análise realista acerca das organizações e do modo como lidamos com os recursos da Biosfera permite que adotemos um posicionamento analítico que não é nem utópico nem distópico. De toda maneira, é fato que tanto o ser humano como a natureza rumam para o colapso e somente uma reorientação da nossa forma de vida permitirá quiçá a permanência de condições salutaras de vida na face da Terra. A desaceleração existencial é tanto uma guinada microcósmica como macrocósmica pela

realização de uma condição de existência mais razoável para todas as formas de vida envolvidas em nosso destino compartilhado. Eis assim os fundamentos filosóficos de uma ética da desaceleração que não é ensinada nos manuais de cursos gerenciais e que impactará as estruturas cognitivas, políticas e econômicas do porvir. Caso contrário um espaço desértico será o nosso destino.

Referências

- BAKAN, Joel. **A corporação: a busca patológica por lucro e poder**. Trad. de Camila Werner. São Paulo: Novo Conceito, 2008.
- BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Trad. de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.
- FAYOL, Henri. **Administração Industrial e Geral**. Trad. de Irene de Bojano e Mário de Souza. São Paulo: Atlas, 2012.
- HAN, Byung-Chul. **A expulsão do Outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2022.
- _____. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.
- _____. **Sociedade do Cansaço**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. **Topologia da Violência**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Trad. de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MUMFORD, Lewis. **Técnica e Civilização**. Trad. de Fernanda Barão e Isabel Fernandes. Lisboa: Antígona, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Recebido em 2023-04-24
Publicado em 2023-06-08